

No Teatro Aberto até ao dia 18

# Electrónica e polémica nos recitais de Luís Cília

António Duarte

Uma extensa composição experimental para electrónica, com manipulação de bandas, timbres e frequências, com ecos e efeitos de pedais, é um dos momentos inovadores da série de recitais de Luís Cília que ontem, quarta-feira, se iniciou no Teatro Aberto, em Lisboa. Luís Cília, um cantor e compositor que cada vez assume mais o estatuto de «Marginal».

Acompanhado por Pedro Caldeira Cabral (guitarras) e José Eduardo (contrabaixo), Luís Cília apresenta, no Teatro Aberto, inéditos, clássicos e interpretações, deixando um bom espaço instrumental para improvisações e solos.

## «Muita gente vai-se zangar comigo»

Para lá das experiências electrónicas em palco, Cília liberta a polémica com duas ou três canções de estreia, entre as quais «Inventário», uma espécie de «balanço» de um passado próximo. «Há muita gente que se vai zangar comigo por causa desta canção» — observa Luís Cília a «O Jornal».

Outro tema polémico é «A Traidora», adaptação portuguesa de «La Traïtesse», de Georges Brassens, uma canção que, segundo declara Cília (que conviveu de perto com Brassens, tendo chegado a actuar ao vivo com o recém-falecido poeta e cantor francês), «vai ser o hino dos movimentos de libertação das mulheres em todo o mundo».

Executando e cantando composições dos seus últimos álbuns, «Marginal» e «O Peso da Sombra», com arranjos novos e evoluções instrumentais, Luís Cília retoma nesta série de 12 recitais uma cantiga antiga, «Sou Barco», com roupagem nova.

«Há um pouco de tudo neste

espectáculo» — diz-nos o autor de «O Guerrilheiro», acrescentando: «Para mim, concretizar estes recitais é uma experiência que me fascina. Em cada recital tenho de tentar apresentar qualquer coisa de novo. Desta vez a experiência nova é a participação de dois músicos, o Pedro Caldeira Cabral (que trabalha com o Vitorino e Júlio Pereira) e o José Eduardo (conhecido contrabaixista do 'jazz'). O Pedro toca guitarra portuguesa, viola de gamba e também contrabaixo. Só o facto de se juntar a guitarra portuguesa com o contrabaixo já é uma maravilha.»

## Já é tempo de tomar responsabilidades na cultura

A série de recitais de Luís Cília no Teatro Aberto concretiza-se numa altura em que o cantor-compositor atravessa um momento de autonomização artística e política. «O 25 de Abril foi há oito anos» — afirmava Cília na última edição do «Se7e» — «e já é tempo de cada um tomar as suas responsabilidades no que respeita à cultura. Nós tomamos as nossas»...

Luís Cília — convém recordá-lo aqui — viveu dez anos de exílio em França e foi, entre os portugueses cantores de intervenção, o mais universalista. A sua arte foi ouvida em vários países do mundo, quer em língua francesa, quer na língua da pátria oprimida. Os seus



Luís Cília

Recitais polémicos que não agradam a «gregos e troianos»

discos foram desfraldados aos quatro ventos do universo latino-africano.

E, no entanto, Luís Cília é, em Portugal, um dos mais esquecidos porta-vozes da liberdade, do tempo em que as suas obras, em acetato, nos chegavam por vias travessas.

«O seu regresso a Lisboa» — escreve a revista espanhola «Triunfo», a propósito da edição do LP «Memória» — «foi do mais recatado e menos triunfalista que se possa imaginar, longe das farândolas heróicas que outros quiseram aproveitar. Mas Luís Cília dá-nos a medida do seu valor como artista e como cantor em discos como este... Luís Cília dá prova de uma grande maturidade, sem necessidade de abandonar os seus temas e as suas formas anteriores. Muito mais de agradecer nestes tempos semeados de cantores oportunistas que dão vivas à revolução quando nunca fizeram nada por ela».

Chama-se Luís Cília, tem 39 anos de idade e nasceu em Angola (Huambo). Pode ser visto, ouvido e sentido no Teatro Aberto, em Lisboa, até ao próximo dia 18. É um autor «Marginal».